

ESPERANÇA E UTOPIA

ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO E FORMAS DE RELAÇÃO

Agenor Brighenti*

“A esperança dos pobres está viva”, mas não são poucos os que, ao lado dos que esperam contra toda esperança, são portadores de uma crise de esperança. Trata-se das vítimas do ‘pensamento único’, dos falsos profetas do ‘fim da história’ ou dos pragmatistas e pseudo-realistas que tentam impedir todo excesso do real. O mercado total, cujo fruto esquálido é o ‘darwinismo social’ que condena à imprescindência dois terços da humanidade órfãos do atual processo de globalização, tem trabalhado, fazendo hora-extra, para obstruir a fantasia, a liberdade de esperar e de sonhar acordado.

Entretanto, é próprio do ser humano esperar, em especial os pobres, por mais alquebrados que estejam sob peso do atual pragmatismo do cotidiano. Pode-se tirar a liberdade de falar, mas jamais a de pensar; e, como segundo E. Bloch “pensar é transcender”¹, ninguém pode tirar a liberdade de esperar. O imaginário pertence também ao real, à sua melhor parte², pois não somos nós que carregamos sonhos, são os sonhos que nos carregam. Também hoje, como sempre, há ‘brasas sob cinzas’. Mantém-se a esperança, sobretudo na teimosia dos excluídos que insistem em contrapor à aridez da alma a fertilidade do deserto³.

A esperança acena para um futuro vislumbrado como plenitude; e, o futuro no presente, é a utopia. Sem a utopia a esperança é uma virtude vazia. É a utopia a *topia* da esperança. A esperança é o alimento da utopia e, esta, sua mediação histórica. Entretanto, em tempos de crise dos metarrelatos e das ideologias, também somos vítimas de uma crise das utopias, vistas pouco menos que mitos alienantes ou quimeras futuristas. O atual ‘vazio de sujeito’ e a falta de perspectivas para um futuro imediato têm contribuído para a resignação de muitos à ditadura do presente. Estaria, então, a esperança dos pobres, hoje, órfã de utopia? Morreu a utopia ou morreram certas utopias que se sobrepuseram à esperança e transformaram-se em ideologias totalitárias?

* Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, professor-pesquisador na PUC de Curitiba, professor visitante na Universidade Pontifícia do México e no Instituto Teológico-Pastoral do CELAM, membro do Conselho Consultivo Científico de Ordo Socialis. Presidente do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB e membro da Equipe de Reflexão Teológica do CELAM. Autor de dezenas de livros e de uma centena de artigos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais.

¹ Cf. E. Bloch, *El principio de la esperanza*, Sígueme, Salamanca 1977.

² Cf. L. BOFF, *Brasa sob cinzas, Estórias do anti-cotidiano*, Editora Record, Rio-São Paulo 1996, p. 7.

³ Esta é outra sugestiva leitura para estes tempos de desencanto com as utopias - DOM HÉLDER CÂMARA, *O deserto é fértil*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1974.

Se a esperança vive, a história humana é inevitavelmente portadora de um excedente utópico. É inimaginável a mera e simples evolução sem um componente utópico. Sem utopia não se teria inventado nem a bicicleta. Como dizia Vítor Hugo, “a utopia é a verdade do amanhã”, na medida em que não pode confundir-se com um projeto a ser realizado plenamente na história. Ou, como Lamartine, “as utopias são somente verdades prematuras”⁴, dado que apontam para um horizonte meta-histórico, o horizonte da esperança. A questão, portanto, não está em perguntar-se se hoje é possível esperar ou ter utopia, mas o que se entende por esperança e em que consiste a utopia, e também quais são as formas de relação entre ambas. De seu estatuto epistemológico depende o bom uso de duas categorias, que os pobres insistem em exclamar que vivem e que são imprescindíveis para a construção de um mundo de irmãos, no Mundo que Deus deu para todos.

1. Esperança, utopia e utopismo

Antes de entrar no estatuto epistemológico da esperança, convém emitir uma luz sobre o ‘utopismo’ moderno, que não só comprometeu o estatuto epistemológico da utopia, como descaracterizou a natureza da esperança. Neste sentido, cabe aqui perguntar-se: morreu a utopia ou morreram utopias enquanto *eutopias* (felizes lugares) ou *distopias* (maus lugares), que fizeram mau uso da esperança?

Ainda na Antigüidade, Platão e Luciano de Samósata ilustraram duas formas de utopia: o primeiro, a utopia nos moldes da ‘Cidade de Deus’, uma cidade perfeita, em ruptura com a antiga ordem social; o segundo, a utopia como ‘Cidade dos Homens’, uma crítica da velha ordem social, com caráter de sátira⁵. Posteriormente, Campanella, Fenelón, Fourier ou Cabet retormaram o projeto da República de Platão e Agostinho, enquanto que Cyrano de Bergerac, Swift, Aldous Huxley ou Xabier de Langlais recuperaram o estilo e as imagens de Luciano de Samósota.

Entretanto, não foi isso que entendeu Tomas Morus por ‘utopia’ com sua obra publicada em latim - *De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia*⁶. O termo ‘utopia’, ele o

⁴ J. SERVIER, *La Utopia*, Fondo de Cultura Económica, México 1982, p. 14.

⁵ A obra *Diálogos*, de Luciano de Samósata, foi traduzida ao Ocidente por Erasmo e Tomas Morus em 1499. Sobre a utopia nos moldes agustinianos, ver Y. LABBE, *Ciudad del Hombre, Ciudad de Dios*, in *Selecciones de Teología* 141 (1997) 53-64.

⁶ A obra foi publicada na Inglaterra, em latim, em 1516 e traduzida ao inglês em 1551. Sigo a edição Tomás MORO, *Utopía*, Espasa-Calpe Mexicana, México 1986. Um bom estudo sobre a utopia encontra-se em Isaac J. PARDO, *Fuegos bajo el agua: la invención de la utopía*, La Casa de Andrés Bello, Caracas 1983. Aqui o autor passa em revista o surgimento da utopia renascentista desde os textos babilônicos até os mitos celtas, passando pela tradição judaico-cristã. Ver, também, F. AINSA, *Argirópolis, Raíces históricas de la utopía*, Río de la Plata 1989; A. HERMOSA ANDÚJAR, El poder de la utopía en Tomás Moro, in *Universidad Autónoma de*

denomina *nusquama terra* - ‘nosso país de nenhuma parte’, dando-lhe o nome grego de *u-topos* - ‘não lugar’, de onde nasceu, não só o termo, como o conceito de utopia. Uma polêmica linguística sobre o termo se travou posteriormente, pois acreditava-se que tivesse havido um erro de transcrição do termo: Tomas Morus teria escrito *eu-topos*, isto é, ‘lugar feliz’ e não *u-topos*, ‘não lugar’. Entretanto, de sua correspondência com Erasmo e sobretudo dos nomes em que batiza os componentes de sua ‘república’ fica claro que se trata realmente de ‘*u-topos*’: a capital de Utopia se chama *Amaurota* (cidade sem povo); o rio principal - *Anhydra* (rio sem água); seus habitantes - *alaopitanos* (cidadãos sem cidade); governados por *Ademo* (príncipe sem povo); os vizinhos - *acorianos* (homens sem país). Longe de expressar um pessimismo (*distopia*), estes nomes tomam distância de um utopismo (*eutopia*) e indicam o verdadeiro caráter da utopia, que jamais usurpa ou prescinde da esperança.

1.1. A utopia como *eutopia*

"*Soyons réalistes; exigeons l'impossible*" (sejamos realistas; exijamos o impossível) era o *slogan* da heróica juventude francesa de ‘maio de 68’, sobrepondo a possibilidade à realidade⁷ e fazendo eco da razão utópica nos moldes de Campanella, Francis Bacon, Fenelón, Saint-Simon, Proudhon, Fourier, Bakunin, Cabet ou Owen. Jamais a história da humanidade, numa única geração, havia visto tantas descobertas, tantas melhorias, realidade ainda mais visível em contraste com a devastação de duas guerras mundiais, que haviam se abatido sobre a Europa. E numa mescla de Marx, Freud e Marcuse, a juventude dos anos 60 estava convicta das reais possibilidades do ‘aparentemente’ impossível: progresso para todos, um futuro crescentemente melhor, a ciência e a técnica em favor da vida, o compromisso ético e a política como o horizonte maior do serviço, o amor sem repressão, que nos libertaria de todo desejo reprimido etc.

A utopia enquanto *eutopia* é o mito da perfeição social, da “Cidade dos Homens” que se confunde com a “Cidade de Deus”, das utopias que pretenderam ser ‘religiões do ser humano’⁸, procurando dispensá-los do discernimento do sentido de sua aventura terrestre. Faz-se da utopia uma visão tranquilizadora de um futuro ordenado pelo ser humano. Platão sonha com uma república governada pelos príncipes-filósofos, que encontra em suas justas leis a organização hierarquizada das civilizações tradicionais, da cidade antiga. Ciência e

México 41 (1997) 83-98. Uma visão completa de todos os gêneros de utopia está em Pierre VERSINS, *Encyclopedie de l'utopie*, L'Age de l'Homme, Genebra 1972.

⁷ Chama atenção J. Moltmann que, desde Aristóteles, havia estado vigente o princípio de que a realidade está para além da possibilidade; E. Bloch tentou inverter este princípio: a possibilidade está para além da realidade, cf. J. MOLTSMANN-L.HURBON, *Utopía y esperanza. Diálogo con Ernest Bloch*, Sígueme, Salamanca, 1980, p. 153.

⁸ Cf. L. H. DREHER, *Religião, verdade e utopia*, ITPG, São Leopoldo 1993.

utopia se associam, unidas numa mesma concepção de progresso, de um futuro predeterminado. Trata-se de uma utopia abstrata, sem base na realidade concreta, condenadas à ineficácia por culpa do idealismo em que se apoiam. Crê-se na possibilidade da mudança sob o impulso unicamente das idéias de verdade, de justiça e igualdade.

A *eutopia* é uma utopia a-histórica, estática, não dialética, fundada no pensamento racionalista da burguesia; na matemática e não na história⁹. Por desconhecer a tensão entre projeto e realidade, entre dever e princípios, entre os ideais e o fato das claudicações, entre esperança e utopia, põe-se em evidência o risco totalitário da utopia, que confunde o “ser ideal do estado” com o “estado ideal do ser”¹⁰. Prefere-se a ordem à liberdade e teme-se a imaginação e a heterodoxia. A utopia enquanto *eutopia* é utopismo. É o ser humano que brinca de deus, assumindo um papel demiúrgico, e não o ser humano que sonha com um mundo divino. O modelo de sociedade daí decorrentes, como nas *Reduções*, não passam de verdadeiras teocracias, em que imaginação e realidade se confundem. A utopia, aqui, adquire um caráter apocalíptico. Ora, a característica principal da apocalíptica é estabelecer uma ruptura entre ‘este mundo’, totalmente corrompido, e o ‘mundo futuro’, no qual se manifesta a salvação de Deus.

A utopia como *eutopia* é um mito. E como o mito está sujeito a uma estreita interdependência com a sociedade que o elabora, quase sempre acaba justificando a ordem estabelecida. A ‘cidade de Deus’ na intra-história, não passa de uma quimera, reduzida à desilusão de estar inevitavelmente imersa na crua ‘cidade dos homens’.

1.2. A utopia como *distopia*

O caso da *eutopia* da juventude de ‘maio de 68’ serve igualmente para ilustrar a utopia como *distopia*. Ao lado da *eutopia*, a *distopia* é outro derivado do utopismo, a razão utópica nos moldes das imagens de Luciano de Samósata. ‘*Admirável Mundo Novo*’ de A. Huxley, por exemplo, é uma resposta à *eutopias* como a ‘*Cidade do Sol*’ de Campanella ou ‘*Atlântida*’ de Francis Bacon.

A juventude de ‘maio de 68’, depois de ter exigido o impossível, à medida em que o tempo foi passando e os ideais projetados foram ficando cada vez mais distantes no horizonte da história, foi se fazendo a idéia de que as utopias em que acreditou não passavam de quimeras. A dureza dos dias e o cinismo dos Estados foram deixando a impressão de que não se pode confiar no ser humano. Hobbes teria razão ao reivindicar um *Estado Leviatã*, como

⁹ Cf. J. MOLTMANN-L.HURBON, *Utopía y esperanza. Diálogo con Ernest Bloch*, op. cit., p. 57.

¹⁰ É o caso do pesadelo utopista de Owen.

único meio de evitar a anarquia social, pois "*o homem é o lobo do homem*"¹¹. Freud teria captado muito bem nossa miséria humana ao diagnosticar que "*cada gesto de amor camufla um gesto de egoísmo*"¹². Sartre teria sido realista ao afirmar que "*o outro é o meu inferno*" ou que "*a vida é uma paixão inútil*"¹³.

Para essa juventude, já de cabelos brancos e curtos, passadas algumas décadas, das utopias sonhadas e cantadas, só restou o desencanto e o gosto amargo do presente. Já não existem utopias, mas *distopias*. Tudo é inatingível. Deve-se desconfiar de uma razão universal, pretensiosa da recondução da ética a princípios universais e aceitáveis por todos. Equivocou-se ingenuamente, inclusive o cristianismo, ao pensar com Teilhard de Chardin, que tudo converge: a cosmogênese sustenta a biogênese que sustenta a antropogênese que sustenta a cristogênese que desemboca na teogênese¹⁴. Ao contrário, não existe a história. E se existe um lixo da história, o primeiro a ser jogado neste lixo é nosso conceito de história. A história é uma invenção da história. Só existe o presente, e nada mais resta de uma chama ilusória do que as cinzas do pragmatismo do cotidiano¹⁵.

Assim, 'utopia' se converte em substantivo que designa todo projeto irrealizável; utópico sublinha o caráter impossível de um desejo ou de uma intenção; e utopista qualifica os inspiradores de sonhos¹⁶. Enquanto *distopia*, 'utopia' adquire uma conotação pejorativa, quimera irrealizável, projeto desmesurado. A função utópica é destinada ao lixo da história, onde são atiradas ideologias e idéias empobrecidas. Também neste lixo jaze a esperança, inspiradora de *eutopias* que geram *distopias*.

2. Esperança e imaginação utópica

Por detrás da aparente desesperança e falta de perspectiva nos dias de hoje, deve-se ver muito mais a morte de falsas utopias do que a impossibilidade de sonhar ou o ocaso da imaginação utópica. Paulo Freire, com muita razão, já havia constatado que, muitas vezes, aquilo que aparentemente é alienação e ausência de consciência crítica na vida do povo esmagado pelo poder, não passam de 'manhas' sabiamente desenvolvidas, como espécie de

¹¹ Cf. Liszt VIEIRA, *Cidadania e Globalização*, Record, Rio-São Paulo 1997, p. 17.

¹² Cf. A. BENTUÉ, *La Opción Creyente*, Sígueme, Salamanca 1986, p. 37-40.

¹³ *ibid.*, p. 42-44.

¹⁴ Cf. L. BOFF, *Brasa sob cinzas, Estórias do anti-cotidiano*, op. cit., p. 35.

¹⁵ Cf. Robert MENASSE, El mayor error histórico ha sido la "Historia", in *Humboldt* 117 (1996) p. 17. Ver, também, J. D. JIMÉNEZ SÁNCHEZ M., Posmodernidad: el encanto desilusionado o la ilusión del desencanto, in *Religión y Cultura* 38 (1992) 367-388.

¹⁶ J. SERVIER, *La Utopia*, op. cit., p. 7.

imunização que resiste no tempo em que dura a provação. E mais, poderíamos dizer que a desesperança evita a alma cair no desespero¹⁷. Ou, então, que se pode ser otimista, à força do pessimismo¹⁸.

A esperança é uma virtude humana que consiste no desejo de um bem futuro e na tensão voltada para alcançá-lo. E essa virtude torna-se cristã quando o objeto desse anseio é o Reino de Deus¹⁹. Humanamente, a esperança se aloja na estética ou na ética; teologicamente, na religião. Já a utopia nos remete à história, campo fecundo dos ensaios daquilo que se espera. Enquanto consciência antecipadora, a utopia não é prisioneira nem do chegar nem do fenecer. Por isso, toma distância da ideologia-utopia, visão futurista que busca atenuar os conflitos sociais e fazer passar por necessários sacrifícios atuais. A utopia libera do fanatismo e, na esperança, aposta na transformação radical da história presente.

2.1. A história como tempo de esperança

Viver é acontecer. E, a meta do acontecer humano, como afirma E. Bloch, não é o absurdo e o vazio, mas um futuro vislumbrado como plenitude²⁰. Não somos projeto realizado, nem realidade acabada. Acontecemos. Somos mera possibilidade que desqualifica o refúgio em um passado protetor ou em um presente institucionalizado. Viver é antecipar cada dia um fragmento do futuro que perseguimos, mais esperado que conhecido. O futuro, não o conhecemos, o criamos e cremos na penumbra do instante presente.

Esperança e temporalidade

Quando viver é acontecer, vinculamos o existir à sua estrutura fundamental - a temporalidade. Acontecemos no tempo, esfinge de três rostos contraditórios: um tem face de passado, em que a recordação é o sentido do acontecer; outro tem face de presente, em que o tempo se volta sobre si mesmo; e, um terceiro, tem face menos vista que desejada, o futuro. Se olharmos só para trás, o tempo se petrifica; se nos limitamos ao tempo presente, a vida se esgota como subjetividade egoísta; só quando o acontecer é uma busca do futuro desejado, a

¹⁷ J.-M. CABODEVILLA, *La jirafa tiene ideas muy elevadas*, Madrid 1989, p. 118.

¹⁸ Cf. P. RICHARD, *Esperanza o caos? Fundamentos y alternativas para el siglo XXI*, in *Senderos* 49-50 (1995) 7-20, aqui p. 7.

¹⁹ Cf. J. L. IDÍGORAS, "Esperança", in *Vocabulário Teológico para América Latina*, Ed. Paulinas 1983, p. 136-141. Ver, também, E. FROMM, *A revolução da esperança, Por uma tecnologia humanizada*, Zahar Editores, Rio de Janeiro 1969, p. 24-41.

²⁰ Cf. J.M.G. Gómez-Heras, "Un éxodo personal hacia la utopia", in J. MOLTSMANN-L.HURBON, *Utopía y esperanza. Diálogo con Ernest Bloch*, op. cit. p. 9. Ainda que Ernest Bloch faça uma restauração do conceito de esperança nos parâmetros do materialismo dialético, não deixa de ser sumamente interessante sua contribuição para o estatuto da esperança cristã, como bem certifica J. Moltmann. Seguiremos de perto, aqui, a síntese de seu pensamento elaborada por J. M. G. Gómez-Heras citado acima.

vida renasce cada dia outra vez. Voltados para o futuro, a vida deixa de discorrer na calma e na segurança, para transformar-se em aventura de quem faz caminho no próprio caminhar.

A este acontecer humano denominamos ‘história’, sujeita a crises periódicas. Acontecemos numa história que é transição. Somos caminhantes nos deparando com constantes encruzilhadas, debatendo-nos entre um passado que se resiste a ser relegado ao âmbito da recordação ou do esquecimento e um futuro desconhecido, que engendra nostalgia e insegurança. As crises afloram quando a consciência humana se dá conta que os horizontes de sentido ou as pautas de conduta sobre os quais operava a vida social se debilitam ou fenecem. A crise é o resultado de um vazio, insegurança causada pela lacuna de algo que até então dava segurança. É neste momento que a esperança ou a desesperança se oferecem como alternativas. É também quando respostas dadas, que já não combinam com as novas perguntas, proliferam como ofertas salvadoras, surgidas da experiência negativa de um presente carente de sentido.

Esperança e carência

O que nos põe a caminho é a carência. A esperança, nosso ser-possibilidade tem um companheiro incômodo: o vazio de plenitude. Só a consciência do vazio nos faz leves e nos impulsa a caminhar. Quando a penúria se autocompreende como possibilidade, espera a plenitude. Só há esperança quando a carência se torna tendência ou a experiência do nada é ponto de partida em busca da experiência do tudo. A esperança é a penúria não resignada que se faz fome do ainda não possuído. Essa é a dinâmica da vida: fugir da carência e caminhar à plenitude²¹.

A consciência do presente como tempo de carência engendra duas atitudes: de um lado, conhecer-se a si mesmo em meio à penumbra que envolve o presente e, por outro, a consciência crítica frente à situação em que se encontra. O resultado é o inconformismo, fruto da descoberta da inadequação entre o que a esperança pressente como futuro possível e o que a experiência aposta como presente concreto. Ele depende, entretanto, de um discernimento desde o ‘inconsciente coletivo’²², imbuído de esperança. Sem ela, é impossível passar de um presente experimentado como carência a um futuro que se vislumbra como plenitude. A vida, enquanto acontecer, é aprendizagem da esperança, desejo do ainda não possuído. O ‘existir presente’ como carência, possibilidade e projeto, só pela esperança pode ser referido ao ‘existir futuro’ como plenitude. Quando o presente se torna tendência e latência de algo, o

²¹ Cf. Jon SOBRINO, Un jubileo total: dar esperanza a los pobres y recibirla de ellos, in *Concilium* 283 (1999) 855-865.

²² Cf. Cf. J. M. G. Gómez-Heras, “Un éxodo personal hacia la utopia”, op.cit., p. 12.

esperar torna presente o não-acontecido, o futuro utópico, ao qual a história se encaminha. A esperança é o estado de ânimo que caracteriza a biografia pessoal e a história universal. É a base sobre a qual se alicerçam os desejos e as ações. Já a resignação e o tédio provém do desespero, da carência de espera. Vêm acompanhados do medo, frutos de uma história carente de sentido e marcada pelo absurdo. Ao contrário, a esperança, enquanto projetada ao futuro, orienta a ação, gera entusiasmo e coragem, alenta o viver. Na esperança, a espera se sente acompanhada pela confiança e o otimismo.

Esperança e êxodo

Na esperança, viver é caminhar, êxodo permanente à terra prometida, escondida entre as brumas da anti-história. Em nome de um futuro melhor, vislumbrado na esperança, viver é exorcizar a tirania de qualquer presente humano que tente impedir o próprio acontecer. É, na fidelidade e na confiança, criar no presente situações de justiça, paz e amor. A aventura humana não é algo que se vive num instante de plenitude, mas num constante e progressivo processo que se perde no passado, avançando constantemente rumo a um futuro misterioso.

O desafio de adentrar-se no futuro pode vir acompanhado do medo, da espera ou da esperança. O medo, diante do fardo escuro e imenso do futuro, paralisa, impedindo de seguir adiante com dinamismo e capacidade criadora²³. A simples espera, privada de sonho e de entusiasmo, engendra passividade e indiferença, uma atitude de resignação diante dos males da vida. Já a esperança, enquanto desejo que procura adiantar-se ao futuro, cria-o na imaginação, iluminando toda a existência.

2.2. A utopia como consciência antecipadora

A utopia apoia-se na imaginação, não como um amontoado de insanidades e irrealidades, mas como uma das estruturas de sustentação da própria realidade, sem a qual esta não pode existir, sob pena de negar a especificidade do ato humano - a criatividade²⁴. Também não se trata de uma imaginação que se alimenta unicamente da vontade subjetiva, restrita à esfera do individual. Ela se respalda na esperança, esta virtude capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades, e igualmente capaz de antecipar este futuro, enquanto projeção de um presente, a partir daquilo que neste existe e é passível de ser melhorado²⁵.

²³ Cf. Stany SIMON, Les mots et les maux de la peur, in *Lumen Vitae* 2 (1994) 125-132.

²⁴ Cf. Teixeira COELHO, *O que é Utopia*, Brasiliense, São Paulo 1981, 2ª Ed., p. 7-8.

²⁵ *ibid.*, p. 8. E. Bloch em sua obra *O Princípio da Esperança* reivindica a virtude do 'sonhar acordado' como primeiro indício do saber utópico estruturado. A este mero 'sonhar', entretanto, deve seguir uma vontade de ação (aspecto volitivo) para marcar a verdadeira intenção utópica.

Esperança e utopia: estatuto epistemológico distintos

Esperança e a utopia têm estatutos epistemológicos diferentes²⁶. Existem convergências mas também discrepâncias entre elas.

Por um lado, esperança e utopia guardam distância uma da outra. Do lado da esperança, que em sua radicalidade última, em termos cristãos, é uma realidade escatológica, está a orientação ao destino final do ser humano e da humanidade, jogando-se com a possibilidade da morte não ser uma redução ao nada²⁷. Na conjugação entre ruptura e continuidade, a esperança humana ou cristã postula o salto em direção à continuidade. Do lado da utopia, em seu interior, também permanece sempre uma tensão entre projeto e realidade, uma relação dialética entre teoria e práxis, entre a pura teorização abstrata e o processo histórico concreto. É o que E. Bloch denomina topos interno e externo: o interno, é a esfera povoada de desejos, capacidade de imaginar a plenitude; o externo, é a capacidade de antecipação, o caminho de resposta histórica à esperança suscitada. Entretanto, o transformar o sonho em realidade, ao passar da imaginação utópica à ação utópica, surpreendentemente, a utopia não se apaga. Precisamente, pelo fato da ação ser igualmente utópica, ela carrega um excedente utópico, que funciona como trampolim de um novo ciclo imaginativo, num convite ao ser humano a superar-se indefinidamente.

Por outro lado, apesar da esperança e a utopia terem estatutos epistemológicos diferentes, no entanto, se encontram. Por exemplo, no horizonte da esperança cristã, o projeto utópico de Jesus, ainda que remeta ao mistério, passa por uma comprovação histórica²⁸. Neste sentido, a utopia é o futuro que julga o presente, ao mesmo tempo em que é motor que, desde a interioridade do tempo, move ao futuro. O futuro no presente é a utopia. É o presente como possibilidade, ainda que limitada, pois só no final da história a utopia se plenifica. No presente se encontra como possibilidade e projeto. É o ainda não acontecido em plenitude que pode, entretanto, ir acontecendo parcialmente pela ação humana, impulsada pela esperança. Diante dos niilismos existenciais, onde a vida oscila entre a resignação e o absurdo, a utopia, enquanto horizonte de futuro possível, dá rumo e sentido ao presente. Nos faz ver que somos um projeto possível. O que ainda não é pode chegar a ser. Assim, a possibilidade da utopia é a chave para entender nosso presente, não fechado sobre si mesmo, mas aberto ao futuro desejado.

²⁶ M. FRAIJÓ, *Jesus y los marginados. Utopía y esperanza cristiana*, Ed. Cristiandad, Madrid 1985, p. 250.

²⁷ Cf. J. MOLTMANN, La resurrección: razón, fuerza y meta de nuestra esperanza, in *Concilium* 283 (1999) 815-826.

²⁸ Cf. J. N. GARCÍA-NIETO, *De la fe a la utopia social*, Sal Terrae, Santander-Cristianisme i Justicia 1996.

A utopia como 'topia' da esperança

A utopia, enquanto superação das possibilidades de sua realização concreta e definitiva, é a esperança. Por sua vez, a esperança é o dinamismo de criar utopias, maior que as próprias utopias. A esperança nunca termina, pois seu verdadeiro objeto nunca poderá ser possuído. Já a utopia, enquanto traz para o tempo (*chronos*), ainda que de modo limitado, e para o espaço (*tópos*) um horizonte que transcende a história, se torna *topia* e *cronia* da esperança²⁹. Quando uma utopia se torna *topia*, se não fosse a esperança, desapareceria. Mas, esta, inhabita a utopia de um excedente do real, capaz de, partindo da *topia*, criar novas utopias, superando-a e projetando-se, indefinidamente, rumo aos ideais infinitos da esperança. É a *topia*, engravidada pela esperança, que forja novas utopias. Ambas irrompem com intrepidez de contextos de sofrimentos e enquanto a esperança transcende a história humana, a utopia impulsiona os processos históricos em sua direção. A esperança aponta para o sentido último da existência humana. A utopia é a tentativa de historicização de um horizonte de sentido da esperança, uma vez que o real é sempre menor do que o ideal. A esperança se alicerça numa linguagem escatológica. A utopia, mesmo exercendo a função de mobilizar para a ação, se funda num discurso mais intuitivo que descritivo ou analítico, ainda que muitas utopias históricas tenham caído na tentação da razão em descrever antecipadamente a realidade futura³⁰.

A imaginação utópica é a mediação ou o ponto de contato entre o sonho e a vida concreta, sem a qual a esperança é vazia e alienante. Ela é a invenção do que ainda não existe e precisa existir, sem desvairar-se ao mágico ou ao fantástico. Num primeiro momento, ela se nutre de fatores subjetivos, produzidos na esfera do individual, mas, a seguir, ela se apoia em fatores objetivos, emanados de seu contexto, e se deixa guiar pelas possibilidades reais do momento, que funcionam como elementos mediadores no processo de passagem do que existe para o que deve existir. Em outras palavras, a imaginação utópica, não é uma imaginação incoerente, futurologia ou imaginação do desconhecido; ao contrário, justamente por ser uma imaginação utópica concreta, é projeção do sabido, do consciente³¹. A futurologia extravasa os limites do desejado e vai de encontro à passividade ou ao conformismo do destino sabido por um "super-homem", enquanto que a imaginação utópica é propositiva, projeção da materialização do desejo. A adivinhação impõe algo que é exterior

²⁹ "A utopía es una apuesta ejercida sobre la base de los términos que ofrece la topía", afirma Arturo ANDRÉS ROIG, La experiencia iberoamericana de lo utópico y las primeras formulaciones de la utopía para sí, in *Revista de Historia de las ideas*, Quito 1981, p. 53-67.

³⁰ Cf. J.-B. LIBÂNIO, Utopia y esperanza cristiana, *Selecciones de Teología* 119 (1991) 176-184, aqui p. 176-178. Ver, também, J. J. TAMAYO, *Presente y Futuro de la Teología de la Liberación*, San Pablo, Madrid 1994, p. 145-149.

³¹ Cf. Teixeira COELHO, *O que é Utopia*, op. cit., p. 10.

ao ser humano (hermetismo); já a imaginação utópica aponta os meios pelos quais aquilo que é interior como sonho venha para o exterior, levando este a assemelhar-se àquele³².

3.2. A esperança como *ucronia* da utopia

A esperança, ainda que enraizada em valores da experiência humana, tem sua motivação última e definitiva na transcendência, na realidade mesma de Deus. Já a utopia encontra sua motivação última nos valores humanos, na ética, e tem a história como referência última. Para a esperança, "não temos aqui cidade permanente" (Hbr 13,14). A utopia busca o plenamente humano. A esperança acena para o plenamente divino. E ainda que, quanto mais humano mais divino e quanto mais divino mais humano, a utopia bebe do humanismo e busca construir a história. Já a esperança bebe da fé e sabe que as verdadeiras construções humanas não passam de mediações da ação de Deus, que se plenificam na metahistória.

Como a utopia está diretamente relacionada com um projeto social, corre um risco menor de alienação, uma vez que pode ser mais facilmente criticada pela confrontação de seus resultados. Já a esperança, como anima projetos históricos de maneira mais indireta, corre um risco maior de alienação e impostura, pois aponta para uma realidade não totalmente verificável. Por isso, sua relação com a utopia requer uma hermenêutica de sentido.

A utopia vive para dar vida a uma realidade fora de seu tempo e, uma vez realizada, desaparece, pois o invisível foi tornado visível e, depois, reaparece, e assim por diante. Já a esperança espera um invisível não plenamente visibilizável, mesmo na plenitude da vida eterna. Na relação do ser humano com Deus, o horizonte último da esperança é um Deus que não pode ser possuído e que sempre estará se comunicando na surpresa de sua liberdade. Ainda quando estivermos em sua glória, Deus será sempre nosso futuro absoluto, jamais absolutamente presente, passível de poder ser totalmente possuído por nós. Nesta perspectiva, K. Rahner define a esperança como a saída de nós mesmos para integrar-nos àquele de quem, simplesmente podemos dispor. Ver a Deus face-à-face não será mais do que acolher a liberdade de Deus³³.

A modo de conclusão

³² Cf. M. ELIADE, "Paraíso e utopia: geografia mítica e escatológica", in ID., *Origens*, Perspectivas do Homem/Edições 70, Lisboa 1989, p. 111-136.

³³ Cf. J.-B. LIBÂNIO, *Utopia y esperanza cristiana*, op. cit., p. 178-180.

Por um lado, a utopia precisa da esperança e a esperança precisa da utopia. Sem a esperança, a utopia pode fechar-se ao transcendente, absolutizar-se e perverter-se. É o lado patológico ou o lado-monstro da utopia (*distopia*), com sua pretensão de apoderar-se do Absoluto (*eutopia*). Tudo se resumiria ao intra-histórico e inevitavelmente desembocaria, no dizer de H. de Lubac, no "drama do humanismo ateu". A esperança é uma instância crítica necessária das utopias, que as impede de degradar a dignidade e grandeza do ser humano.

Por outro lado, a utopia oferece à esperança mediações históricas concretas, dando-lhe dimensão social e abrindo campo para a sua encarnação no tempo. A utopia é como que o esforço de antecipação da esperança na realidade histórica. Ela corrige o perigo de alienação da esperança e se apresenta como a instância ou lugar de verificação e de crítica da mesma, medindo sua força e seu alcance histórico. Ela impede a esperança de tornar-se uma ideologia, utilizando-se do sagrado para desviar a atenção das realidades terrestres. Por isso, nosso tempo está longe de viver uma crise de esperança e da utopia. Não é o futuro que tende a parecer uma ilusão, mas determinadas utopias históricas que se transformaram em *distopias* ou pretenderam ser *eutopias*³⁴. 'A esperança dos pobres está viva', também a imaginação utópica. O sonhar acordado dos pobres, portanto, pode estar sendo o começo da realidade.

Endereço do autor:
Caixa postal 5041 - ITESC
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
E-mail: agenorbr@terra.com.br

³⁴ Cf. P. LEBEAU, Pour une Église en acte d'esperance, in *Lumen Vitae* 2 (1993) 149-159.